

LITERATURA E FORMAÇÃO HUMANA – DIÁLOGOS E CONEXÕES
MULTIDISCIPLINARES

ONDE E QUANDO A LITERATURA, A CIÊNCIA E A ESTÉTICA COEXISTEM

José Kuiava¹

A palavra não foi feita para enfeitar,
Brilhar como ouro falso.
A palavra foi feita para dizer.
(Graciliano Ramos, 2005)

A minha palavra
e a palavra do outro.
(Mikhail Bakhtin, 2006)

Tudo o que não invento é falso.
(Manoel de Barros, 2007)

A autobiografia de um poeta são seus próprios poemas. O resto é suplementar.
O poeta tem o dever de se apresentar aos leitores com seus sentimentos,
atos e pensamentos, de coração aberto.
Para ter o privilégio de exprimir a verdade dos outros, ele deve pagar um preço:
entregar-se, impiedosamente, à sua verdade. Enganar lhe é vedado.
Se desdobrar a sua personalidade – de um lado, o homem real e,
do outro, o homem que se expressa – se tornará estéril.
[...]Sei que eles tem um álibi, com certeza, inventado por seus similares:
o silêncio é de ouro. A eles eu responderia:
essa espécie de ouro não é pura. Esse silêncio é falso.
[...]A obra de um verdadeiro poeta é a imagem viva, palpante,
dinâmica e expressiva do seu tempo.
Esta é minha ambição como poeta. Gostaria de poder, durante a minha vida,
imprimir aos meus poemas os anseios dos outros, sem renegar o meu próprio “eu”.
Aliás, estou convencido de que o dia em que perder esse “eu”,
perderei também a faculdade de escrever. Mas o que é o meu “eu”?
(Eugênio Evtuchenko, 1984)

¹ Professor titular da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Colegiado de Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, UNIOESTE, Cascavel, PR. Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Unicamp (2012). Membro dos grupos de pesquisa “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens” (UNIOESTE) e “Grupo de Estudos dos Gêneros de Discurso” (UFSCAR).

Em nossa luta por responsabilidade, enfrentamos um mascarado.
A máscara do adulto chama-se “experiência”.
Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre igual.
Esse adulto já experimentou tudo: juventude, ideais, esperanças, a mulher.
[...] E ele sorri com ares de superioridade, pois o mesmo acontecerá conosco –
de antemão ele já desvaloriza os anos que vivemos,
converte-os em época de doces devaneios pueris, em enlevação infantil
que precede a longa sobriedade da vida séria.
Assim são os bem-intencionados, os esclarecidos.
Mas conhecemos outros pedagogos cuja amargura não nos proporciona
nem sequer os curtos anos de “juventude”;
sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida.
[...] Tudo o que tem sentido, que é verdadeiro, bom, belo está fundamentado sobre si mesmo –
o que a experiência tem a ver com isso tudo?
E aqui está o segredo: a experiência se transformou no evangelho do filisteu
porque ele jamais levanta os olhos para as coisas grandes e plenas de sentido;
a experiência se torna para ele a mensagem da vulgaridade da vida.
Ele jamais compreendeu que existem outras coisas além da experiência,
que existem valores aos quais nós servimos e que não se prestam à experiência.
(Walter Benjamin, 1984)

[...] Só as culturas dogmáticas e autoritárias são unilateralmente sérias.
A violência desconhece o riso. A análise de uma pessoa séria (medo ou ameaça).
A análise de uma pessoa que ri. O lugar do patético.
A passagem do patético para o esganiçado.
A entonação de uma ameaça anônima no tom do locutor que transmite comunicados importantes.
A seriedade amontoa as situações de impasse, o riso se coloca sobre elas, liberta delas.
O riso não coíbe o homem, liberta-o.
A índole social e coral do riso, sua aspiração ao popular e ao universal.
As portas do riso estão abertas para todos e cada um.
[...] O riso abre cancelas, torna o caminho livre.
[...] O riso alegre, aberto, festivo.
O riso fechado, meramente negativo da sátira. Não é riso ridente.
O riso de Gógol é alegre. Riso e liberdade. Riso e igualdade.
O riso aproxima e familiariza. Não se pode implantar o riso, os festejos.
A festa sempre é primordial ou sem primórdios.
[...] A visão de mundo naturalista, o pragmatismo, o utilitarismo e o positivismo
criam uma sociedade monótona e cinzenta. O empobrecimento dos tons na literatura universal.
[...] O problema da seriedade. Os elementos de expressão externa da seriedade:
o cenho carregado, os olhos apavorantes, as rugas e pregas juntas pela tensão, etc.,
são elementos de pavor ou intimidação, de preparativo para o ataque ou para a defesa,
um chamamento à subordinação, uma expressão de fatalidade, de necessidade férrea,
de peremptoriedade, de indiscutibilidade.
O perigo faz o sério, o riso autoriza evitar o perigo.
A necessidade é séria, a liberdade ri.
O pedido é sério, o riso nunca pede, mas o ato de dar é acompanhado de riso.
A seriedade é prática e é interesseira no sentido amplo da palavra.
[...] Não existe a primeira nem a última palavra,

e não há limites para o contexto dialógico
(este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites).
[...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação.
Questão do grande tempo.
[...] Particularidade da polifonia. A índole inacabável do diálogo polifônico.
(Mikhail Bakhtin, 2006)

[...] Um sistema de infinitas relações de tudo com tudo.
No momento em que a ciência desconfia das explicações gerais
e das soluções que não sejam setoriais e especialistas,
o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto
os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo.
[...] Em que língua o livro do mundo está escrito?
Na opinião de Galileu, na língua da matemática e da geometria,
a língua da racionalidade e da exatidão absolutas.
É assim que se deve ler o mundo atual? Quem sabe, talvez sim,
mas somente no caso do muito distante: galáxias, quasares, supernovas.
Quanto ao nosso mundo cotidiano, parece estar escrito mais num mosaico de línguas,
como uma parede coberta de grafites, cheia de rabiscos sobrepostos, como um palimpsesto
cujo pergaminho foi raspado e reescrito várias vezes.
[...] Há o texto múltiplo que substitui a unicidade de um eu pensante
pela multiplicidade de sujeitos, vozes, olhares sobre o mundo,
segundo aquele modelo que Mikhail Bakhtin chamou de “dialógico”, “polifônico” ou
“carnavalesco”,
rastreado seus antecedentes desde Platão a Rabelais e Dostoiévski.
[...] só o haver escolhido o romance como forma literária que pudesse conter
o universo inteiro já é em si um fato prenhe de futuro.
[...] O conhecimento como multiplicidade é um fio que ata as obras maiores,
tanto do que se vem chamando de modernismo quanto do que se vem chamando de pós-
modernismo,
um fio que – para além de todos os rótulos –
gostaria de ver desenrolando-se ao longo do próximo milênio
(Ítalo Calvino, 2002)

[...] Trabalho como um louco, todas as noites, na síntese dos estudos econômicos,
a fim de ter passado a limpo pelo menos as linhas esquemáticas antes do dilúvio.
Ora, em tudo o que escrevia, sentia transparecer no estilo a doença de fígado.
[...] Não aspiro à elegância de estilo, mas simplesmente a escrever na forma que me é habitual,
o que nestes meses de sofrimento me foi impossível...
[...] Ao passar a limpo descubro que aqui, onde se trata da parte mais abstrata da economia
política, muita concisão tornaria a coisa indigesta para o leitor.
(Karl Marx, 1983)

Criar uma nova cultura não significa apenas fazer individualmente descobertas “originais”;
significa também, e sobretudo, difundir criticamente verdades já descobertas,
“socializá-las” por assim dizer;
transformá-las, portanto, em base de ações vitais,

em elemento de coordenação e de ordem intelectual e moral.
O fato de que uma multidão de homens seja conduzida a pensar coerentemente
e de maneira unitária a realidade presente é um fato “filosófico” bem mais
importante
e “original” do que a descoberta, por parte de um “gênio filosófico”,
de uma nova verdade que permaneça como patrimônio de pequenos grupos
intelectuais.
(Antônio Gramsci, 1981)

Mas nós não tínhamos tempo para ficar pensativos. Uma semana depois, em fevereiro de 1921,
eu trouxe, numa carroça para transporte de mobília,
uma dezena e meia de verdadeiros meninos abandonados e autenticamente esfarrapados.
Tivemos muito trabalho para lavá-los, vesti-los de alguma forma, curá-los das sarnas.
Na sua maioria, eles estavam muito largados, selvagens
e totalmente inadequados para a realização do sonho da educação social.
Aquele criatividade especial que supostamente torna o pensamento infantil muito próximo,
pelo seu tipo, ao pensamento científico, eles ainda não a possuíam.
(A.S. Makarenko, 1985)

- Senhor, recomeçou com ar grave, a pobreza não é vício, evidentemente.
Sei também, que a embriaguez não é uma virtude, o que é lastimável!
Mas a indigência, a indigência é um vício.
Na pobreza conserva-se ainda um pouco da dignidade natural dos nossos sentimentos;
na indigência nada se conserva.
O indigente nem sequer é expulso a cacetada da sociedade;
é a vassouradas, o que é muito mais humilhante!
(Dostoiévski, 1958)

- Li todos os seus livros, e continuo tão ignorante como antes,
a propósito de tudo quanto se refere ao bem.
Salve-me, meu padre! [suplicou o diabo]. Eu não posso viver assim...
- Estás certo de que leste todos os livros? Tens tão pouca paciência!
- Todos meu padre! Agora mesmo terminei o último.
Desgraçadamente, para mim, tenho um espírito curioso,
diabólico e incapaz de suportar contradições,
e os seus livros estão cheios delas.
[...] O diabo pôs-se a trabalhar.
Examinou palavra por palavra, letra por letra, com minucioso cuidado.
Copiava, comparava, comparando os textos,
esforçando-se por se apoderar do fio sutil e apenas perceptível, que condizia ao bem.
Se o fio se quebrava, esforçava-se por juntar as extremidades.
Não se cansava, nem se irritava,
esperando sempre chegar às conclusões necessárias,
às regras do bem, regras que iriam servir para todos os povos e para todas as épocas.
[...] Não matarás; porem, se for preciso, mata.
Não mentirás; porem, se for necessário, mente.
Dá tudo o que tens ao próximo; porem, algumas vezes, tira-lhe o que possua.

Não cometas adultério, ainda que, a rigor, possas cometê-los.
Não cobices a mulher do teu próximo;
porem, se não há outro remédio, podes tirar-lhe sua mulher, seu escravo e seu boi.
(Leônidas Andreief, 1958)

Eu tenho um ermo enorme dentro do olho.
Por motivo do ermo não fui um menino peralta.
Agora tenho saudade do que não fui.
Acho que o que faço agora é o que não pude fazer na infância.
Faço outro tipo de peraltagem.
(Manoel de Barros, 2007)

En la lucha de clases
todas las armas son buenas
piedras, noches, poemas.
(Paulo Leminski, 1986)

Memória do passado, todo mundo inventa. Memória do futuro, Bakhtin inventou e Geraldí ressignificou. Memória – feita saudade – daquilo que não fomos, Manoel de Barros inventou.

Poderíamos continuar compondo e ouvindo a polifonia de vozes do passado ao infinito e *ad aeternum*. Sem cansar e nos aborrecer. Pela variedade e multiplicidade – vozes consonantes e vozes dissonantes – este diálogo polifônico do grande tempo nos leva a reflexões dialéticas e a reflexões estéticas. Estas vozes nos levam a entender as ciências e as letras como momentos de uma única e mesma totalidade social em movimento. Temos ao nosso dispor um vasto material do mundo escrito, “os livros modernos que mais admiramos nascem da confluência e do entrecchoque de uma multiplicidade de métodos interpretativos, maneiras de pensar, estilos de expressão” (CALVINO, 2002, p.131). E o mundo ainda não-escrito, quem o escreverá, onde, quando, como e por que será escrito? Bakhtin adverte que ao examinarmos e escrevermos sobre os fatos e fenômenos da história não mudamos a materialidade do passado, “no entanto o aspecto de sentido, o aspecto expressivo, falante pode ser modificado”. Só atribuímos sentidos diversos e discordantes, sempre inacabados (BAKHTIN, 2006, p. 396). E Calvino, ao ler a literatura de Gadda, vai mais fundo na análise: “[...] conhecer é inserir algo no real; é, portanto, deformar o real” (CALVINO, 2002, p.123). Não podemos nos esquecer jamais de que o mundo escrito é feito de palavras, que foram inventadas não para brilhar e enfeitar, mas para dizer.

Assim, o mosaico de enunciados, de discursos escritos e impressos composto segundo regras de uma ordem estruturada de letras, palavras e frases é muito instigante e poderia continuar sua montagem ao infinito. Com o jogo de letras e palavras, poderia se compor um painel sem fim, de discursos no grau mais elevado da linguagem dos pensadores, dos escritores, dos poetas, dos cientistas, dos intelectuais, dos políticos e também dos falantes da linguagem simples das grandes massas. Um grande painel de mosaico poderia ser composto no estilo mais tradicional do passado, dos primórdios da escrita, como um “palimpsesto” - na expressão de Calvino – coberto de grafites, cheio de rabiscos sobrepostos, raspado e reescrito várias vezes. Ou, já nos tempos contemporâneos, reproduzido e impresso graficamente em infinitas cópias. Poderia, ainda, ser escrito num estilo mais moderno como um “palimpsesto eletrônico”, cuja tela pode ser escrita e deletada, apagada logo em seguida e a todo instante reescrita com caracteres digitalizados, sem deixar vestígios e indícios da escrita antecedente. Uma memória apagada, livre dos erros, pois estes – os erros – já não fazem mais parte da história da escrita antecedente. Já não aprendemos mais com os erros – do passado e do presente – pois operamos programas de linguagens já prontos.

Constituímos e formatamos nossas linguagens com palavras prenes de sentidos e de significativos – de arte e estética, palavras prenes de ideologia – sempre com intenções e interesses de seduzir e de resistir, de camuflar e de revelar, de encantar e de apavorar, de perverter e de orientar, de proclamar e de auscultar, de incentivar e de coagir, de encorajar e de intimidar, enfim, de dominar e de libertar. Sobre o sentido da palavra, Bakhtin expressa um enunciado de consistência impressionante: “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”. “[...] A palavra é o fenômeno ideológico por excelência” (BAKHTIN, 2006, p.36). As palavras sempre estão carregadas de sentidos, significados e incondicionalmente, de ideologia e vivência. E o sentido e a ideologia das palavras são determinados pelo seu contexto, pelos seus meios moral, intelectual, cultural, etc. Ainda Bakhtin falando: “A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” ((BAKHTIN,2006, p.36).

Disciplinaridade-Interdisciplinaridade-Multidisciplinaridade-Pluridisciplinaridade-Transdisciplinaridade ... confluências, Diálogos ou confusões?

Gostaria de fazer uma escrita elegante e polifônica sobre palavras tão extensas em sua forma, quanto complexas em seus sentidos polissêmicos. São de uso (e abuso) restrito ao

mundo acadêmico, pois inventadas e decantadas nos espaços universitários. Ao mesmo tempo são a solução e o problema sem solução. Na sua formação léxica são palavras confluentes, afluentes e defluentes. Se confluentes, quando juntas formam, constituem um todo novo e bem maior do que individualmente. Seria como as águas de diversos rios desembocando numa mesma foz, formando um novo rio, maior, potencializando as condições reais de vidas. Esse método de conhecimento fica mais claro e válido quando aplicado na observação dos fenômenos da natureza – terreno da biologia, física, química – porém, quando aplicado na observação e no exame dos fenômenos sociais estabelece tensões de múltiplas e contraditórias interpretações dos sentidos dos fatos. A linguagem metafórica, analógica, alegórica, parabólica e fabulística me agrada e encanta, porém ao observar e analisar realidades sociais em seus processos de formação a parabolicidade não contém os elementos suficientes e válidos para a compreensão em profundidade dos sentidos dos fenômenos reais e dos processos de sua formação. Podem esconder falsos problemas como campos defluentes.

O modelo da organização estrutural das nossas universidades é o modelo da disciplinaridade. O núcleo formador do fazer universitário são as disciplinas. Os cursos de graduação e de pós-graduação estão estruturados nas disciplinas de acordo com a natureza do respectivo curso. As disciplinas – campos do conhecimento, tradições intelectuais, tradições de estudo e tradição de formação – foram inventadas e nasceram ao mesmo tempo que foram inventadas e nasceram as universidades, que as mantiveram e mantém até hoje. As disciplinas constituem, hoje, uma forma, um modelo aparentemente antiquados de organização do saber. As disciplinas nada mais são que as escolhas, as seleções, as delimitações do conhecimento, dos conteúdos em parcelas delimitadas, em campos delimitados, denominados academicamente de conhecimentos universais, verdades já inventadas a serem difundidas, socializadas e repetidas *ad aeternum* como identidades dos respectivos cursos. Com as disciplinas no decorrer dos tempos foram inventados os departamentos como comodidades administrativas das universidades para os seus administradores, e como garantia e comodidade para os professores no ensino e na pesquisa.

Para superação do problema das disciplinas isoladas foi inventada a interdisciplinaridade, uma palavra polissêmica, que se constituiu em problema substituto do primeiro. A interdisciplinaridade veio para estabelecer as relações e interrelações entre as disciplinas, então de vida isolada e solitária. Reunir, por assim dizer, o conhecimento, a cultura, as ciências em conjuntos cada vez mais abrangentes. O curso era um todo constituído de partes

sem relações entre si – cada disciplina era ministrada por especialistas que entendiam tudo de quase nada. Neste espaço rigorosamente acadêmico sempre foi e está sendo difícil o ato responsivo de auscultar os outros – o ato da coresponsividade. A reprodução do conhecimento continua no mesmo nível das disciplinas isoladas, pois o diálogo enunciado e festejado nos espaços das universidades durante as décadas de 1980 e 90 era falso. Não passou de fantasmagorização da reprodução e repetição do conhecimento isolado e fragmentado. A anunciada produção do novo saber, do novo conhecimento, não passou dos níveis de reprodução de conhecimentos ultrapassados. Isso porque a “unidade-departamento” nunca fez e nem pode fazer pesquisa para produzir novos conhecimentos. Reproduz precariamente no método e no conteúdo, os saberes de validade científica tradicional. Entretanto, há mérito nesse quase modismo que se instalou no espaço universitário nas décadas de 1980-90. A primeira vantagem foi a integração das disciplinas do mesmo curso, de cursos afins do mesmo centro e de cursos de graduação e pós-graduação. A outra vantagem foi a gestação e provocação do diálogo numa relação de reciprocidade – singularidade e alteridade.

Foi preciso, então, extinguir a unidade-departamento e constituir a congregação de professores, agregados agora no colegiado do curso, espaço onde todos os professores do mesmo curso pudessem caber e agir conjuntamente. Neste novo espaço foi inventada a “multidisciplinaridade”, que alguns preferiram chamar de “pluridisciplinaridade”. Para administrar os cursos, foram inventados e constituídos os centros, como unidades agregadoras de cursos afins – licenciaturas das ciências sociais, da educação e das letras, bem como as licenciaturas das ciências exatas e biológicas, e centros das profissões afins. Assim, num determinado centro os professores podem participar de vários colegiados de cursos diferentes, de graduação e pós-graduação, participar de grupos de pesquisa de professores provenientes de vários cursos. Dessa forma, cada grupo de pesquisa ao apresentar os seus resultados sistematicamente no conjunto dos grupos de seu centro e dos outros centros gera a confrontação profundamente saudável na produção do conhecimento, das letras e das ciências.

Ao fazermos, primeiro a apologia da interdisciplinaridade, depois a apologia da multidisciplinaridade, acabamos criando certas estruturas de ensino e pesquisa que permitiram romper e sair da camisa-de-força das tradições “intelectuais”, das tradições de estudo e das tradições de formação. Por iniciativa de grupos de pesquisa multidisciplinares, os esforços de confrontação e de conexão entre disciplinas dos mesmos centros foram gerando e gerenciando reflexões sobre pressupostos teóricos e gerando consequências teórico metodológicas na vida

acadêmica. Aqui está o germe, o vírus, que pode contaminar as ações acadêmicas que permitam a transformação progressiva da universidade. Com a conexão e unidade da interdisciplinaridade e multidisciplinaridade foi se superando em parte, o modelo tradicional das disciplinas isoladas. Porém, nesse processo há uma carência, quase um desvio de formação, pois precisaria também a formação do pesquisador multidisciplinar, e não um especialista de um tema delimitado e restrito.

Alguns intelectuais não satisfeitos com o ensino tradicional das disciplinas, nem com a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade, inventaram a transdisciplinaridade. Dizem que a criação livre e original da cultura, de uma cultura científica, só é possível num processo transdisciplinar. Uma universidade livre das disciplinas, das interdisciplinas e das multidisciplinas. Uma universidade acima das disciplinas.

Poderíamos imaginar a seguinte genealogia: os intelectuais e pensadores rebeldes ao poder político imperial e ao poder dogmático da igreja medieval inventaram a universidade, que inventou as disciplinas, que provocaram a invenção da interdisciplinaridade, que provocou a multidisciplinaridade, que gestou a transdisciplinaridade. Não sei se é possível existir uma universidade sem disciplinas, que transcenda as disciplinas. De uma coisa eu tenho certeza: a literatura e seus processos de leitura e produção – é transdisciplinar. Parece ser verdade que:

As ciências exatas trazem para a sala de aula a preocupação com a informática, o rigor científico, os dados estatísticos, a precisão de raciocínio, a dedução, as fórmulas, as tabelas, os gráficos, enfim, o número. Retratam o real na dimensão quantitativa.

As engenharias e a arquitetura trazem a dimensão da técnica e da tecnologia, do cálculo, da gerência e também a dimensão do espaço e das formas.

As ciências humanas trazem o concurso da ética, da moral, da justiça e do direito; a preocupação com o social, com a equidade, com os valores; buscam a totalidade ou os fragmentos sociais, ouvem a voz das classes e dos grupos sociais.

As ciências médicas e biológicas concorrem com a realidade do nosso sistema de saúde, com as endemias, com a miséria de nossa população, com a insalubridade e a poluição ambiental, com a falta de verbas, com o atendimento ambulatorial, com os traumatismos e também com a sofisticação de tratamentos mais modernos, de recursos de prevenção e profilaxia.

As artes e a música trazem a cor, a forma e os sons da vida, dentro e fora do ambiente escolar. Trazem a proposta do belo, do enriquecimento

curricular, da humanização da educação e dos homens (AMARAL, 2000, p.143-144).

Prosseguindo, poderíamos enunciar que a literatura – em sua dimensão horizontal – antecede, é anterior, está a quem de todas as ciências e letras; a literatura está no meio do processo, faz parte do processo de formação em todas as áreas do saber, do conhecimento e da cultura científica e estética; a literatura está além, continua após o processo de produção do conhecimento. A literatura é do antes, do durante e do depois. Na dimensão oblíqua, a literatura está em baixa, é o chão, a base – o baixo corporal; a literatura está no meio, responde pela alimentação e realimentação do debate e da produção; a literatura está acima, no nível elevado – o alto corporal. Dessa forma a literatura é transdisciplinar. Ela se materializa pela leitura e pela escrita – está presente em todas as disciplinas e ao mesmo tempo está fora das disciplinas. A literatura se expressa, se exprime, se concretiza, se esteticiza na leitura e na escrita..

“Como fazer para que as crianças odeiem a leitura”.

Ou

Como fazer para que as crianças amem a leitura

É absurdo e sem sentido que os professores de línguas
convertam frequentemente a matéria,
que deveria ser a mais atrativa, flexível e criativa de todas,
em algo que a maioria das crianças
desejam que acabe o quanto antes.
(John Holt)

O que me deixa muito aborrecido é que ainda não aprendemos as lições pedagógicas que John Holt nos deixou há 46 anos. Para não incorrer em contradição às lições de Holt, não vou comentar o texto, nem tecer reflexões de viés acadêmico. O que proponho é muito simples: que todas as professoras e todos os professores de todos os cursos da Unioeste, das redes de ensino do estado e dos municípios, e todas as acadêmicas e todos os acadêmicos dos cursos de graduação e pós-graduação da Unioeste lêsemos, a uma só vez, o escrito de John Holt: “Como fazer para que as crianças odeiem a leitura...”. Quem já leu, leia de novo. Quem já leu, releu, reeleu... Não importa, leia mais uma vez. Quem nunca leu, leia, releia...

Acho que simultaneamente à leitura do escrito de Holt, deveríamos ler (reler!) “O texto na sala de aula”, organizado pelo professor João Wanderley Geraldi. O berço e o nascimento deste livro foi Cascavel. A 1ª edição aconteceu em 1984 pela Editora ASSOESTE. Já imaginaram se estes escritos fossem lidos, a um só tempo, por todos em todos os CMEIS, em todas as escolas de ensino fundamental, ensino médio e ensino universitário do oeste do Paraná? Teríamos uma revolução em classes escolares e em classes universitárias, com certeza.

REFERÊNCIAS

ANDREIEV, Leônidas. A conversão do Diabo. In: RIEDEL, Diaulos (org.). **Maravilhas do Conto Russo**. 3.ed., São Paulo : Cultrix, 1958.

AMARAL, Ana Lúcia. A Aula Universitária: um espaço com possibilidades interdisciplinares. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M.E.L.M. (Orgs.). **Pedagogia Universitária – a aula em foco**. Campinas : Papyrus, 2000, p.139-150).

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4.ed., São Paulo : Martins Fontes, 2006.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. 4.ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas – A Infância**. 2. reimp., São Paulo : Planeta, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Sumus, 1984.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. 2.ed., 9.reimp., São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CALVINO, Ítalo. A palavra escrito e a não-escrita. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.) **Usos e Abusos da História Oral**. 6.ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005, p.139-147.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. Rio de Janeiro : Edições de Ouro, 1958.

EVTUCHENKO, Eugênio. **Autobiografia Precoce**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. 4.ed., Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1981.

LEMINSKI, Paulo. **Anseios Crípticos**. Curitiba: Criar Edições, 1986.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da Economia Política**. 2.ed., São Paulo : Martins Fontes, 1983.

MAKARENKO, A. S. **Poema Pedagógico**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Graciliano. **Linhas Tortas: crônicas** São Paulo: Record, 2005.